

LUIZ FRANCISCO REBELLO TODO O TEATRO

Introdução de JOSÉ OLIVEIRA BARATA



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



LUIZ FRANCISCO REBELLO TODO O TEATRO

Introdução de JOSÉ OLIVEIRA BARATA



IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Um ano termina, outro se inicia, enquanto começo a escrever estas páginas que não sei se são de memórias ou de história. Talvez ambas as coisas — ou não fosse a história a memória do tempo, do tempo que flui incessantemente e não conhece barreiras, ainda que os homens tenham a pretensão (a ilusão) de lhas impor. Que significa, na interminável «noite que há antes e após o pouco que duramos» (é um verso de Pessoa/Ricardo Reis que me persegue obsessivamente), um ano que começa, um ano que acaba, ou este longo dia, e no entanto tão breve, a que se resume uma vida? Que significa, na história oito vezes centenária do teatro português, este percurso dramaturgico de meio século, ou pouco mais, de que a memória se fixa neste livro? Nada, por certo, ou quase nada. Mas não será de muitos «quase nada» que a história se tece? E, se outro mérito não tiverem, as quinze peças aqui reunidas poderão valer como testemunho de um tempo português batido pelos vendavais da História, que nelas terão deixado as suas marcas. Um tempo exigente e difícil mas, apesar de tudo, ou por isso mesmo, exaltante: este tempo que me coube viver entre os anos que precederam a segunda guerra mundial e a aproximação do terceiro milénio.

*

Não exagero se disser que as artes do espectáculo, sobretudo o teatro, sempre exerceram um fascínio irresistível sobre mim. Setenta anos depois, ainda não esqueci a excitação causada pela máquina de projectar «Pathé-Baby» que os meus pais me deram no Natal de 1926 e pelos filmes de Charlot, Harold Lloyd, Chester Conklin, Max Linder, que não me cansava de ver e rever. Mas as minhas preferências iam para uma versão «condensada» do Barbeiro de Sevilha de Beaumarchais, interpretada por actores da Comédie Française. Era já porventura a atracção do teatro a fazer-se sentir...

Aliás, cedo comecei a frequentar os teatros da capital. A partir de 1930 ou 31, com os meus pais, mas sobretudo em companhia (talvez devesse dizer cumpli-

cidade) do meu avô paterno, que era amigo de vários actores que frequentavam o Café Palladium, de que ele havia sido fundador. Aí os conheci também, antes e depois de os ver no palco: Samwell Diniz, Assis Pacheco, Joaquim Almada, António Palma, outros cujo nome o tempo apagou mas a memória reteve, como Octávio Bramão ou José Azambuja..., mal sabendo que alguns deles viriam, mais tarde, a ser intérpretes de peças minhas ou por mim traduzidas. E se alguém me dissesse, em 1931, que um dia Amélia Rey-Colaço, Maria Lalande, João Villaret e Álvaro Benamor, que eu vira, deslumbrado, no Teatro Nacional serem a Rainha, a Pastora, o Bobo e o Príncipe do «grande auto ou mistério» de Carlos Amaro São João Subiu ao Trono, dariam voz e corpo a palavras e personagens por mim criadas ou recriadas, decerto não acreditaria.

Dos espectáculos a que então assisti — e que iam desde as peças «sérias» do Teatro Nacional às revistas do Parque Mayer — nasceu o desejo de escrever também uma peça. O que aconteceu nesse mesmo ano de 1931: chamava-se, lembro-me ainda, *A Culpa*, era um drama em 3 ou 4 actos (cada acto não teria duração superior a cinco minutos) e manifestavam-se nele ingénuas preocupações de índole social (!). Um dos actos, o último, decorria num ambiente em que anos depois iria desenrolar-se grande parte da minha vida profissional: a sala de audiências de um tribunal. Não recordo isto para alardear a minha precocidade, o que seria ridiculamente pretensioso, mas apenas por ser a prova de que tudo aquilo que seremos está já implícito, germinalmente, na nossa mais recuada infância e será, mais tarde, desenvolvido ou atrofiado em função de circunstancialismos de vária ordem, familiar, social ou económica.

Foi como que o abrir de uma torneira: não sei quantas peças perpetrar, quantas ficaram incompletas, quantas apenas imaginadas ou esboçadas, ao longo da década de 30. Ainda aluno do Liceu, com um colega e amigo, Mário Sande Ceia, cujo pai era secretário do empresário António de Macedo, que então dominava os teatros do Parque Mayer, escrevi uma farsa de situações equívocas e trocadilhos fáceis que, na nossa adolescente e exaltada imaginação, estava destinada a alcançar um êxito estrondoso quando Maria Matos a levasse à cena com a sua companhia, coisa que evidentemente nunca passou pela cabeça da grande actriz; e juntos fomos também os responsáveis pela autoria da revista com que o nosso curso liceal se despediu, em 1941. A guerra já então assolava a Europa, e no fim do ano o conflito, após o ataque a Pearl Harbour, ganharia dimensão mundial.

Entretanto, uma circunstância puramente casual viera dar um novo ímpeto — mas ao mesmo tempo uma outra consciência — à minha incontinença dramática. Acontece que, no Verão de 1939, os meus avós paternos alugaram uma casa no Monte Estoril, que vagara por os anteriores inquilinos, um casal de franceses, terem precipitadamente regressado ao seu país perante a iminência da eclosão da guerra. E na pressa com que partiram deixaram ficar alguns livros, jornais e revistas. Entre estas últimas contavam-se umas dezenas de números do suplemento teatral da «*Illustration Française*», a «*Petite Illustration*»,

que publicava grande parte das peças representadas nos teatros de Paris, sem qualquer espírito selectivo — desde o mais frívolo repertório «boulevardier» às fantasias poéticas de Giraudoux. (Em 1952 havia de traduzir uma delas, *Les Jours Heureux*, de Claude-André Puget, que um núcleo de jovens actores, Sara Vale, Maria José, Fernando Gusmão, Joaquim Rosa, levou à cena com grande êxito.) Mais do que o teatro a que tinha ocasião de assistir nos palcos lisboetas (que em boa parte derivava desta colecção, no que ela tinha de mais conformista), a leitura dessas peças ensinou-me que havia regras de construção teatral — o ajustamento da estrutura narrativa à acção dramática, a articulação dialéctica entre as personagens e esta última, a relação espaço-temporal que terá de resolver-se no acto da representação, destino final de todo o texto dramático — que um aspirante a dramaturgo não podia ignorar. Com o tempo — e o auxílio de dois ou três livros fundamentais, como *L'Essence du Théâtre*, do filósofo francês Henri Gouhier, que pessoalmente vim a conhecer em 1973 e no meu exemplar editado trinta anos antes, copiosamente anotado à margem e sublinhado em quase todas as páginas, após uma gratificante dedicatória — aprendi também que nenhuma dessas regras é de aplicação automática, e que é preciso repensá-las e reformulá-las, e até às vezes transgredi-las, de cada vez que se inicia a escrita de uma nova peça.

Entretanto, o fluxo destas não se detinha. Em 1941 o Teatro da Mocidade Portuguesa abriu um concurso de peças; concorri e ganhei. Recordo que o júri era constituído por Maria Lalande, Mariana Rey Monteiro e Luís Forjaz Trigueiros, que a obrita foi representada no Teatro Nacional, sob a direcção de Francisco Ribeiro, interpretada por estudantes universitários e dois jovens alunos do Conservatório, Eunice Muñoz e Canto e Castro, futuros protagonistas dos meus *Pássaros de Asas Cortadas*, de que Ribeiro — outra coincidência — seria o encenador. No ano seguinte, voltei a concorrer e a história repetiu-se, com o mesmo resultado. Hoje, o primário moralismo desses textos, as suas pretensões pseudopoéticas, no mínimo fazem-me sorrir. Em 1945, por sugestão de Francisco Ribeiro, escrevi um drama rústico, *Ventania*, que ele encenou cinco anos depois numa breve temporada que os «Comediantes de Lisboa» fizeram no Porto, e a crítica local recebeu com excessiva generosidade. Por essa mesma altura, em co-autoria com Armando Vieira Pinto, escrevi duas comédias de espírito «boulevardier», *Águas Furtadas* e *Nós os Dois Somos Quatro*. Ter-se-á perdido — embora com isso nada se tenha perdido... — o texto do drama rústico (de cujo 3.º acto cheguei a redigir três versões distintas, sem que eu nunca soubesse ao certo, porque não assisti às representações, qual delas veio a ser efectivamente aproveitada) e das duas comédias, a última das quais, que tinha a particularidade de antecipar o tema de uma peça de Harold Pinter, *The Lover*, estreada em 1963, foi apresentada na RTP pelos finais dos anos 50.

A guerra acabou em 1945. Em 1945 atingi a maioridade. Em Julho do ano seguinte iria terminar o curso de Direito. Eram anos difíceis, ao longo dos quais se formou a minha consciência política. Todas as peças escritas até então pertenciam a um passado em que já não me reconhecia — nem estética nem ideologi-

camente, conceitos que aliás seria ridículo aplicar-se-lhes. Digamos que constituíam a fase paleolítica da minha actividade dramática. Que não renego, pois foram etapas de uma necessária aprendizagem. Mas ficaram sepultadas com esse passado. Com uma única excepção, de que adiante falarei.

*

Pertenço a uma geração literária que, tal como a anterior, mantinha uma grande desconfiança — ou mais ainda, indiferença — em relação ao teatro. Diga-se em abono da verdade que era uma atitude justificada. Salvo raríssimas e honrosas excepções — alguns espectáculos montados por Amélia Rey-Colaço no Teatro Nacional, os modernos dramaturgos esporadicamente revelados por Alves da Cunha (Pirandello, Lenormand, Bruckner) e, já no princípio dos anos 40, a fundação dos «Comediantes de Lisboa» —, o que se passava nos palcos nacionais situava-se inteiramente à margem do grande sobressalto que, desde o começo do século, sacudia o Teatro contemporâneo para além das nossas fronteiras. Nomes ilustres das letras e artes, um Raul Brandão, um José Régio, um Almada Negreiros, abordavam a escrita teatral numa perspectiva que deliberadamente divergia dos cânones em vigor e de que dependia o acesso dos textos à cena, moldados pelo gosto burguês de empresários acomodaticios e pelos ditames rígidos da censura. Apenas o teatro de revista, nas suas manifestações mais cuidadas, e em grande parte por mérito de um núcleo excepcional de actores, feria uma nota de imaginação — e até um razoável grau de acuidade crítica, exercida sobre o mais imediato quotidiano, mesmo aquele que no teatro dito declamado a censura considerava tabu — neste panorama de cores sombrias. A tal ponto que, em 1946, António Pedro podia afirmar que «a coisa mais parecida com o Teatro em Portugal são os espectáculos de revista». Exagerava, é certo; mas o repertório convencional que constituía cerca de noventa por cento da programação a isso irresistivelmente convidava...

Ora foi nesse ano de 1946 que um grupo de escritores muito heterogéneo (sob todos os pontos de vista: estético, ideológico, político, geracional) mas irmanados pelo gosto do teatro e pelo desgosto daquele que lhes era então oferecido, se reuniu em torno de um dramaturgo e ensaísta italiano radicado entre nós desde o começo da guerra, Gino Saviotti, que havia publicado em 1944 um livrinho polémico em que defendia uma concepção da arte dramática equidistante do teatro «intelectualizante» dos homens de letras e do teatro «comercial» ao tempo dominante, e tomou a iniciativa de, passando da teoria à acção, dar corpo a um projecto de teatro que se pretendia «diferente»: um teatro de ensaio, um laboratório experimental, como o fim da guerra viu surgir noutros países, que não se propunha substituir-se ao teatro profissional (o que fatalmente o condenaria ao insucesso) mas apenas deixar antever a possibilidade de um teatro «outro», ou de uma «praxis» teatral alternativa. Assim nasceu o Teatro Estúdio do Salitre, cuja história contei na introdução à antologia comemorativa do seu 50.º aniversário,

publicada pela Sociedade Portuguesa de Autores, e que até 1950 apresentou, em 17 espectáculos, 31 peças de 24 autores portugueses, dos quais 20 contemporâneos, estreantes na sua maioria. Projecto que só não se cumpriu integralmente porque, em vez da síntese augurada por alguns dos seus promotores, se diluiu num inglório esforço de conciliação do que era, por natureza, inconciliável.

Nem por isso se deve considerar despendida a actividade desenvolvida nesses cinco anos, pois que autores como Almada Negreiros, Branquinho da Fonseca, João Pedro de Andrade, Rodrigo de Mello, Alves Redol, David Mourão-Ferreira, ali puderam ter o seu «baptismo de fogo» teatral. E ali se estreou, em Janeiro de 1947, a minha «fábula» *O Mundo Começou às 5 e 47*, que deveria abrir este volume.

Deveria, mas como o leitor terá verificado, assim não aconteceu. Quando, em 1959, reuni em dois tomos as peças até então escritas e que considerei «publicáveis», a primeira era, precisamente, essa. Já disse a razão por que excluí todas as restantes, deixando no entanto entrever a existência de uma excepção. É tempo de falar dela.

Aí por 1944, entre vários textos dispersos de humor ilógico (a palavra «absurdo» não estava ainda na ordem do dia), escrevi com José Palla e Carmo, meu companheiro dilecto dos bancos da Faculdade de Direito, uma pequena peça a que demos o título de *A Invenção do Guarda-Chuva* e a que chamámos «comédia impossível». Foi representada por alunos da École Française (antecessora do actual Liceu Francês Charles Lepierre) e publicada no «Diário Popular» em Janeiro de 1945, sob a epígrafe «teatro louco de humoristas novos», imagino que para o leitor desprevenido não tomar a sério o que ia ler. «Novos», éramos de facto: Palla e Carmo acabara de atingir a meta dos 20 anos, eu nem isso. E era, na realidade, um tipo de humor insólito entre nós a que ali dávamos rédea solta, sob influências diversas, que iam do «humour noir» dos surrealistas aos filmes dos irmãos Marx, à «Codorniz» espanhola e a Miguel Mihura (de quem, diga-se de passagem, traduzi mais tarde a comédia *A Media Luz los Tres*): seria preciso esperar até 1950 para que surgisse *A Cantora Careca*, de Ionesco, em que, aliás, não há nenhuma cantora careca como também não há nenhum guarda-chuva nessa «comédia impossível».

Porque é que, mais de cinquenta anos depois, decidi recuperá-la? Por duas razões. Pela intenção de ruptura que ela pressupunha, e que de certo terá levado o meu amigo Jaime Salazar Sampaio a desafiar-me para que a retirasse do esquecimento em que praticamente desde então jazia — e em homenagem à memória do meu «cúmplice» nesta tentativa, que, para além do lúcido, subtil e profundo analista do fenómeno literário que, como poucos entre nós, ele foi,



1. A INVENÇÃO DO GUARDA-CHUVA
(desenho de Antônio Sena da Silva, 1945)



2. O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 47

(Teatro-Estúdio do Salitre, 1974)

(Carlos Duarte, Pisani-Burnay, Maria Laurent, António Vitorino)

3. O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 47

(maqueta de António Casimiro para a TV, 1992)



Teatro
O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 47

ROSA O AUTOM. DO LUIS MANOUELO DEBORA COM TODA AFEIÇÃO E CONSIDERAÇÃO DO



4. O DIA SEGUINTE
(maqueta de Augusto Gomes para a TEP, 1954/55)

5. O DIA SEGUINTE
(cartaz do Teatro de la Huchette, Paris, 1953)



6. O DIA SEGUINTE
(cartaz do Toneelvoorstelling, Gent, 1970)





8. O DIA SEGUINTE
(encenação de Ivan Hetrich,
TV de Ljubljana, 1970)



7. O DIA SEGUINTE

(encenação de Paulo Renato
Teatro Moderno de Lisboa,
1963)

(Costa Ferreira, Fernando
Gusmão, Rui de Carvalho,
Carmen Dolores)

Fot. J. Marques



9. O DIA SEGUINTE

(grupo de Teatro Moderno,
Caldas da Rainha, 1958)



10. ALGUÉM TERÁ DE MORRER

(Teatro Nacional, Lisboa, 1956)

(Rogério Paulo, Palmira Bastos, Amélia Rey-Colaço, Raul de Carvalho)

Fot. Artur Costa de Macedo



11. ALGUÉM TERÁ DE MORRER

(encenação de Rogério Paulo, Teatro Popular de Lisboa, 1946)

(Augusto Figueiredo, Rogério Paulo, Madalena Sotto, Adelina Campos)

Fot. J. Marques



12. É URGENTE O AMOR

(encenação de Antônio Pedro, TEP, 1958)

(Fernanda Gonçalves, João Guedes, Baptista Fernandes, Dalila Rocha)

Fot. Aroso



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

13.

É URGENTE O AMOR
(capa da edição de 1984,
Catarina Rebello)



14.

OS PÁSSAROS
DE ASAS CORTADAS
(cartaz do Teatro da Trindade,
1959)

TRINDADE

EMPRESA
FRANCISCO RIBEIRO

HOJE às 21,45 h.

PARA MAIORES
DE 17 ANOS

TEATRO NACIONAL POPULAR

SUBSIDIADO PELO FUNDO DO TEATRO

APRESENTA

A peça em 2 actos e 1 epílogo de

LUIZ FRANCISCO REBELO

**OS PÁSSAROS
DE ASAS
CORTADAS**

COM

EUNICE MUÑOZ

FERNANDA DE SOUSA - LILY NEVES - LÚCIA TELLES - NUI DE CARVALHO -
COSTA FERREIRA - CANTO E CASTRO - FERNANDO QUEIROZ -
ARMANDO COSTE - JOAQUIM ROSA - FERNANDO MORAIS

Uma Direcção de FRANCISCO RIBEIRO



15. OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS

(encenação de Francisco Ribeiro, Teatro da Trindade, 1959)

(Rui de Carvalho, Eunice Muñoz)

Fot: Lobo Pimentel

16. OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS

(encenação de Carlos César, Teatro de Animação de Setúbal, 1996)

(Miguel Assis, Fernando Guerreiro, Sónia Martins, Maria Clementina)



17.

CONDENADOS À VIDA

(realização de Peter Mikulík,
TV, Bratislava, 1976)
(Libuša Trutzová, Juraj Kurak)



18. PRÓLOGO ALENTEJANO

(encenação de João
Lourenço, Teatro Aberto,
1976)



19.

A LEI É A LEI

(encenação de Augusto Boal,
A Barraca, 1977)
(Céu Guerra, Mário Viegas,
Santos Manuel)





20. PORTUGAL, ANOS 40

(encenação de Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1996)

(Marco d'Almeida, António Marques, Ana Paula, Flávia Gusmão)

Fot. Maria Luísa Gomes



21. PORTUGAL, ANOS 40

(capa da edição de 1983, Delgado Godinho)

22. PORTUGAL, ANOS 40

(encenação de Carlos Avilez, Teatro Experimental de Cascais, 1996)

Fot. Maria Luísa Gomes



23. TODO O AMOR É AMOR DE PERDIÇÃO

(realização de Herlander Peyroteo, RTP, 1990)

(Joaquim Rosa, Couto Viana, Eduardo Galhós, Rui Pedro, Glória Férias e Luís Vicente)



24. TODO O AMOR É AMOR DE PERDIÇÃO
(realização de Herlander Peyroteo, RTP, 1990)
(Luís Vicente e Álvaro Faria)



25. TODO O AMOR É AMOR DE PERDIÇÃO
(realização de Herlander Peyroteo, RTP, 1990)
(Mariana Villar e Glória Férias)

FICHA TÉCNICA

A INVENÇÃO DO GUARDA-CHUVA

Comédia impossível em 1 acto, em colaboração com José Palla e Carmo. Escrita em 1944 e representada neste último ano por alunos da École Française no Teatro Politeama.

Publicada no "Diário Popular" em 27 de Janeiro de 1945 e em 1953 no «Almanaque do Gato Preto».

Tradução italiana de Sebastiana Fadda, a incluir na antologia *Teatro Portuguese del Secolo XX*.

O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 47

Fábula em 1 acto.

Escrita em 1946 e representada pela primeira vez no Teatro-Estúdio do Salitre em 16 de Janeiro de 1947, numa encenação do autor e interpretada por Pisani-Burnay e António Vitorino (*1.º e 2.º Homens de smoking*), Carlos Duarte (*o Homem de Preto*), Canto e Castro (*Zero*), Maria Laurent (*a Mulher das Jóias*), António Martins (*o 1.º Homem*) e Celeste Andrade (*a 1.ª Mulher*). Transmitida pela RTP em 3 de Agosto de 1992, numa encenação de Morais e Castro, com cenários de António Casimiro.

Representada em 1949 pelo Teatro Experimental do Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina (Brasil), numa encenação de Ody Fraga e Silva.

Publicada em separata do n.º 56-57 da revista *Vértice* (1948) e incluída nos volumes *Teatro I* (Círculo do Livro, 1959), *Teatro de Intervenção* (Caminho, 1978) e *Teatro-Estúdio do Salitre/50 Anos* (SPA/Dom Quixote, 1996).

Tradução italiana de Oscar Cecchi (inédita).

O DIA SEGUINTE

Drama em 1 acto.

Escrito em 1948-49 e representado pela primeira vez no Teatro de La Huchette, de Paris, a 12 de Janeiro de 1953, em versão francesa de Claude-Henri Frères, numa encenação de Jean Marcellot e interpretado por Chantal Darget (*Ela*), Roger Montsoret (*Ele*), Etienne Aubray (*o Juiz*), Roger Force (*o Secretário*), Catherine Gérard e Philippe Valrey (*os Filhos*).

Representado em 1953 pelo Teatro do Estudante do Rio de Janeiro, encenado por Ester Leão, e pelo Teatro do Estudante do Paraná, encenado por Armando Maranhão.

Representado na versão original, pela primeira vez, em 5 de Julho de 1958, pelo Grupo de Teatro Popular da Caixa Económica Operária, dirigido por Humberto d'Ávila, e em 25 do mesmo mês pelo Grupo de Teatro Moderno das Caldas da Rainha; várias encenações por grupos de teatro amador a partir de 1959. Levado à cena no Teatro Nacional D. Maria II em 15 de Fevereiro de 1963, numa encenação de Pedro Lemos, interpretado por Cremilda Gil (*Ela*), Canto e Castro (*Ele*), Varela Silva (*o Juiz*), Pedro Lemos (*o Secretário*), Ana Paula e João Mota (*os Filhos*); e em 2 de Maio de 1963 no Teatro Moderno de Lisboa, encenado por Paulo Renato, com cenário de Octávio Clérigo e interpretado por Carmen Dolores (*Ela*), Rui de Carvalho (*Ele*), Costa Ferreira (*o Juiz*), Fernando Gusmão (*o Secretário*), Fernanda Alves e Morais e Castro (*os Filhos*). Transmitido pela RTP em 23 de Fevereiro de 1976, numa encenação de Correia Alves e interpretado por João Guedes (*o Juiz*), Estrela Novais (*Ela*) e António Reis (*Ele*).

Publicado na Colectânea *Encontro* (1954), nos volumes *Teatro I* (Círculo do Livro, 1959), *Teatro Português — do Romantismo aos Nossos Dias* (id., 1961) e *Teatro de Intervenção* (Caminho, 1978), e em edições autónomas em 1967 (Movimento) e 1977 (APTA).

Traduções: francesas, de Claude-Henri Frères (representada em 1953 no Teatro de La Huchette, de Paris, e publicada no n.º 20 de *La Revue Théâtrale*, 1952) e de Luís Saraiva (representada no Festival de Teatro Universitário de Moncton, Canadá, em 1967); espanholas, de Eduardo Sánchez (representada pelo Teatro de Câmara «El Paraíso», de Valência, em 1953, pelo Conservatório de Teatro de Málaga em 1955, e nesse ano publicada no n.º 14 da Revista *Teatro*, de Madrid) e de Carlos-José Costas (inérita, representada pelo Teatro de Câmara «T.O.A.R.», de Madrid, em 1956); flamenga, de Marcel de Baecker (inérita, representada pelo «Toneelstudio 50», de Gand, em 1956, e pelo Teatro Experimental «Yver doet Leeren», da mesma cidade, em 1970; transmitida pela TV Belga em 1960); italiana, de Arrigo Repetto (publicada na revista *Il Dramma*, de Roma, em 1968, representada no Teatro Cileia, de Reggio Calabria, em 1969, no Teatro Valle, de Roma, em 1970, e em várias outras cidades italianas; transmitida pela TV Suíça Italiana em 1974); jugoslava, de Dominika Pirjeved e Sasa Vuga (inérita, transmitida pela TV de Ljubljana em 1970, numa encenação de Ivan Hetrich); polaca, de Danuta Zmij-Zielinska e Witold Wojciechowski (publicada na revista *Dialog*, de Varsóvia, em 1974); alemãs, de Peter Ball (inérita, transmitida pela TV da RDA em 1976) e de J. Freitas Branco (publicada no volume *Stücke aus Portugal*, Berlim, 1978, e representada no Teatro Beim Aerspeg, de Viena de Áustria, em 1981, numa encenação de Wilhelm Krauszhar); húngaras, de Robert Ferenczi (publicada em Budapeste, em 1976) e de Miklos Hubáy (inérita, 1978); hebraica, de Alex Hadary, japonesa de Nono Yama, e inglesa de Robert Vincent (inéritas).

O FIM NA ÚLTIMA PÁGINA

Apontamento dramático em 1 acto.

Escrito em 1951. Transmitido pela Emissora Nacional em 19 de Março de 1958, interpretado por Lili Neves (*Teresa*), Armando Cortez (*Mário*), Mariana Villar e Álvaro Benamor (*os Outros*). Representado por amadores em Angola e Moçambique e em Johannesburgo pelos Comediantes Portugueses da África do Sul (Ana Maria Valente, Armando Pereira, Eulália Salgado e Fernando Biscaia), sob a direcção de Bela Jardim.

Publicado em *Teatro II* (Círculo do Livro, 1959) e *Teatro de Intervenção* (Caminho, 1978).

Tradução espanhola de Victor Aúz, publicada no n.º 42 da revista *Primer Acto*, de Madrid, em 1963, representada em Barcelona (Instituto do Teatro, 1964) e Vigo (Teatro de Cámara y Ensayo, 1964) e transmitida pela TV Espanhola em 1963 (encenada por Alberto Gonzalez Vergel) e 1966 (encenada por Herman Bonnín).

ALGUÉM TERÁ DE MORRER

Peça em 3 actos.

Escrita em 1954 e representada pela primeira vez em 22 de Maio de 1956 no Teatro Nacional de D. Maria II, encenada por Amélia Rey-Colaço e Robles Monteiro e interpretada por Amélia Rey-Colaço (*Marta*), Palmira Bastos (*Augusta*), Carmen Dolores (*Gabriela*), Maria Corte-Real (*Palmira*), Raul de Carvalho (*Rui*), José de Castro (*Vitor Manuel*) e Rogério Paulo (*o Desconhecido*).

Principais reposições: Teatro da Estufa Fria, 1964, encenada por Rogério Paulo e interpretada por Madalena Sotto (*Marta*), Adelina Campos (*Augusta*), Ivone Moura (*Gabriela*), Augusto Figueiredo (*Rui*), António Machado (*Vitor Manuel*) e Rogério Paulo (*o Desconhecido*); Teatro Municipal de Luanda, 1968, encenada por Henrique Santos e interpretada por Madalena Sotto (*Marta*), Vanda Maria (*Augusta*), Lili Neves (*Gabriela*), Rodolfo Neves (*Rui*), Carlos Gaspar (*Vitor Manuel*) e Henrique Santos (*o Desconhecido*); Teatro de Animação de Setúbal, 1997, encenada por Carlos César e interpretada por Maria Simões (*Marta*), Maria Clementina (*Augusta*), Sónia Martins (*Gabriela*), Fernando Guerreiro (*Rui*), Miguel Assis (*Vitor Manuel*) e Carlos César (*o Desconhecido*).

Publicada em *Teatro I* (Círculo do Livro, 1959) e em edição autónoma (SPA, 1982).

Tradução espanhola (inérita) de Carlos-José Costas.

É URGENTE O AMOR

Peça em duas partes.

Escrita em 1956-57. Representada pela primeira vez pelo Teatro Experimental do Porto, no Teatro S. João, em 25 de Fevereiro de 1958 (e em Lisboa no Teatro ABC, em 5 de Abril), encenada por António Pedro e interpretada por Dalila Rocha (*Branca*),

Cândida Maria (*a Mãe*), Fernanda Gonçalves (*Madalena*), Cândida Lacerda (*Margarida*), João Guedes (*Jorge*), Baptista Fernandes (*Alberto*), Vasco Lima Couto (*Chefe*), José Pina (*Agente*) e Rui Furtado (*o Pai*, personagem posteriormente eliminada).

Principais reposições: Teatro da Estufa Fria, 1968, encenada por Luís Tito e interpretada por Ivone Moura (*Branca*), Graça Vitória (*a Mãe*), Madalena Sotto (*Madalena*), Adelina Campos (*Margarida*), Andrade e Silva (*Jorge*), António Machado (*Alberto*), Alberto Ghira (*Chefe*), Henrique Viana (*Agente*); Teatro de Animação de Setúbal, 1998, encenada por Carlos César e interpretada por Susana Brito (*Branca*), Sónia Martins (*Madalena*), Maria Clementina (*a Mãe*), Maria Simões (*Margarida*), Fernando Guerreiro (*Jorge*), José Nobre (*Alberto*), Carlos César (*Chefe*) e João Gaspar (*Agente*).

Publicada em *Teatro II* (Círculo do Livro, 1959) e em edição autónoma (SPA, 1970 e 1984).

Traduções: espanhola, de Victor Aúz, incluída em *Teatro Português Contemporâneo* (Madrid, 1961); húngara, de Klara Anders, incluída em *Mãe Portuguesa Drámák* (Budapeste, 1980).

OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS

Peça em 2 actos e 1 epílogo.

Escrita em 1958. Representada pela primeira vez no Teatro da Trindade, em 13 de Fevereiro de 1959, numa encenação de Francisco Ribeiro e interpretada por Eunice Muñoz (*Elsa*), Fernanda de Sousa (*Cecília*), Lili Neves (*Bebé*), Lúcia Teles (*Luísa*), Rui de Carvalho (*Eduardo*), Canto e Castro (*Rodrigo*), Costa Ferreira (*Frederico*), Fernando Gusmão (*Manuel Jerónimo*), Armando Cortez (*Francisco*), Fernando Muralha (*Zé Carlos*) e Joaquim Rosa (*Necas*).

Principal reposição: Teatro de Animação de Setúbal, 1996, encenada por Carlos César e interpretada nos principais papéis por Sónia Martins (*Elsa*), Maria Clementina (*Cecília*), José Nobre (*Eduardo*), Miguel Assis (*Rodrigo*), Fernando Guerreiro (*Frederico*), Carlos Rodrigues (*Miguel Jerónimo*) e Gil António (*Francisco*).

Adaptada ao cinema por Artur Ramos em 1962, com diálogos de Luís Sttau Monteiro e Alexandre O'Neill e interpretação de Lúcia Amram (*Elsa*), Fernanda de Sousa (*Cecília*), Paulo Renato (*Eduardo*), Morais e Castro (*Rodrigo*), Hugo Casais (*Frederico*) e Rui de Carvalho (*Francisco*).

Publicada em *Teatro II* (Círculo do Livro, 1959) e em edição autónoma (Câmara Municipal de Cascais, 1999).

CONDENADOS À VIDA

Sequência dramática em 2 partes, com um prólogo e um epílogo.

Escrita em 1961-63. Não representada em Portugal.

Publicada em 1964 (*Tempo*) e reeditada em 1965 (*Presença*). Grande Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Escritores (1964).

Tradução eslovaca de Emilia Obuchova, transmitida pela Televisão de Bratislava em Abril de 1976 e em 1996, numa encenação de Peter Mikulík e interpretada nos principais papéis por Emilia Vasaryova (*Luciana*), Libusa Trutzova (*Eugénia*), Juraj Kukura (*Afonso*), M. Hubaml (*Gençalo*), J. Adamovic (*Miguel*) e E. Romancik (*Santiago*).

A VISITA DE SUA EXCELÊNCIA

Farsa catastrófica em 1 acto.

Escrita em 1962-65. Representada por vários grupos de teatro amador em Portugal e no Brasil (Festival de Teatro Amador de S. Paulo, 1993).

Publicada em *Teatro de Intervenção* (Caminho, 1978).

PRÓLOGO ALENTEJANO

Escrito em 1975.

Integrado na versão portuguesa de *O Círculo de Giz Caucasiano* de Bertolt Brecht, estreada pelo Grupo 4 na inauguração do Teatro Aberto, em 15 de Maio de 1976, numa encenação de João Lourenço e interpretado por José Gomes (*o Feitor*), Costa Ferreira (*o Velho Camponês*), Hugo Casais (*o Cantor*), Irene Cruz, Carmen Dolores, Josefina Silva, Henriqueta Maya, Rui Mendes, Moraes e Castro, Manuel Cavaco, Vicente Galfo.

Publicado em *Teatro de Intervenção* (Caminho, 1978).

A LEI É A LEI

Polimonodrama em 1 acto.

Escrito em 1977. Incluído no espectáculo *Ao Qu'isto Chegou*, estreado pelo grupo A Barraca, sob a direcção de Augusto Boal em 12 de Dezembro de 1977, interpretado por Santos Manuel, Mário Viegas e Céu Guerra.

Publicado em *Teatro de Intervenção* (Caminho, 1978) e *Dramaturgia de Abril* (SPA/Dom Quixote, 1994).

O GRANDE MÁGICO

Triste cena cómica com transformações, aparições e outras surpresas e a participação do respeitável público.

Escrita em 1979.

Publicada no jornal *O Diário*, em 25 de Abril de 1979.

PORTUGAL, ANOS QUARENTA

Espectáculo-documentário em 10 sequências.

Escrito em 1982. Prémio Especial da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro.

Estreado em 16 de Abril de 1982 na Fundação Calouste Gulbenkian, encenado por Carlos Avilez com as colaborações plástica de José Rodrigues e Maria Helena Reis, musical de Jorge Machado, coreográfica de Águeda Sena, fotográfica de Eduardo Gajeiro, do elenco do Teatro Experimental de Cascais (Cecília

Guimarães, Maria Albergaria, Luísa Salgueiro, Ilda Roquete, Marília Costa, João Vasco, António Marques, Carlos Freixo, Fernando Corte-Real, Paulo B) e do Ballet Gulbenkian.

Reposição em 16 de Fevereiro de 1996 no Teatro Experimental de Cascais, em nova encenação de Carlos Avilez, com a colaboração plástica de José Rodrigues e musical de Afonso Malão, e interpretada por Ana Paula, Maria Emília Correia, Fernanda Neves, Flávia Gusmão, Teresa Corte-Real, Paula Falcão, Vanessa Agapito, Anabela Faustino, Mónica Nunes, Marta Morais, António Marques, João Vasco, Santos Manuel, Marco d'Almeida, Luís Rizo, António Ferreira, Sérgio Silva, Rui Lacerda e Melo, Luís Cesares, João Araújo, Gonçalo Waddington, Hugo Sequeira, Hugo Bettencourt, Tobias Monteiro, Miguel Magalhães e Pedro Rocha.

Publicado em 1983 (Caminho).

TODO O AMOR É AMOR DE PERDIÇÃO

Teledrama em 3 partes.

Escrito em 1990. Publicado em 1994 (SPA/Dom Quixote). Grande Prémio de Teatro da Associação Portuguesa de Escritores/Ministério da Cultura (1994).

Trasmitido pela RTP nas noites de 27 de Outubro, 3 e 10 de Novembro de 1990, e retransmitido em 5 de Outubro de 1997, numa realização de Herlânder Peyroteo, sendo intérpretes os actores Luís Vicente (*Camilo*), Glória Férias (*Ana Plácido*), Eduardo Galhós (*Manuel Pinheiro Alves*), Mariana Villar (*Eufrazia Carlota*), Joaquim Rosa (*Dr. Couto Magalhães*), Mário Jacques (*Dr. Marcelino de Matos*), Benjamim Falcão (*Dr. Jerónimo Pinto Basto*), Álvaro Faria (*Vieira de Castro*), Orlando Costa (*Novais Vieira*), Carlos César (*Dr. Manuel Guedes de Carvalho*), Rui Pedro (*Agostinho Velho*), Norberto Barroca (*Miranda de Lemos*), Couto Viana (*Joaquim Pinto Leite*), João d'Avila (*Custódio José Vieira*), Igor Sampaio (*Dr. Joaquim José Ferreira*), Estrela Novais, Jorge Sousa Costa, José Braz, Tomás Gonçalves e José Escalreira (*os actores*), e ainda Rui Anjos, Mendes da Silva, Mário Sargedas, Júlio Cardoso, Luís Beira, António Capelo, Agostinho Macedo, Carlos Lacerda, Amadeu Costa e Lourdes Rodrigues.

A DESOBEDIÊNCIA

Peça em 3 actos, um prólogo e um epílogo.

Escrita em 1995. Publicada em 1998 (Campo das Letras).

Tradução espanhola de Bego Montorio (Hondarribia, 1977).

Índice de las Vistas

por Don Antonio Barrios

ÍNDICE

1.—A NUESTRO SEÑOR DE LA CRUZ (1904)	10
2.—O MEDITA CON NOSOTROS EN EL 40 (1906)	40
3.—Oída, Señora, ¡señora!	50
4.—O Vaya, ¿qué Lloras? (1904)	80
5.—Alguna Teja de Muro (1904)	100
6.—¿Lloras tú o lloras yo?	120
7.—De Famosos de Amor (1904)	130
8.—Cherembla y Tula (1904)	160
9.—A Santa de San Blas (1904)	180
10.—Pobrecito de Amor (1904)	200
11.—A La Cruz (1904)	220
12.—O Gaceta de Amor (1904)	240
13.—Frontera de Amor (1904)	260
14.—Buenos Aires y Amor (1904)	280
15.—A Deseos de Amor	300
16.—Algunas de las Vistas	320
17.—Paseo de Amor	340

TEATRO DE UMA VIDA

por JOSÉ OLIVEIRA BARATA 9

1 — A INVENÇÃO DO GUARDA-CHUVA [1944]	35
2 — O MUNDO COMEÇOU ÀS 5 E 45 [1946]	45
3 — O DIA SEGUINTE [1948-49]	61
4 — O FIM NA ÚLTIMA PÁGINA [1951]	89
5 — ALGUÉM TERÁ DE MORRER [1954]	107
6 — É URGENTE O AMOR [1956-57]	171
7 — OS PÁSSAROS DE ASAS CORTADAS [1958]	239
8 — CONDENADOS À VIDA [1961-63]	303
9 — A VISITA DE SUA EXCELÊNCIA [1962-65]	379
10 — PRÓLOGO ALENTEJANO [1975]	403
11 — A LEI É LEI [1977]	413
12 — O GRANDE MÁGICO [1979]	425
13 — PORTUGAL, ANOS QUARENTA [1982]	435
14 — TODO O AMOR É AMOR DE PERDIÇÃO [1994]	529
15 — A DESOBEDIÊNCIA [1995]	595

MEMÓRIA DE UM PERCURSO 659

FICHA TÉCNICA 697



Esta edição
de *Todo o Teatro*
foi executada nas oficinas gráficas
da IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
com uma tiragem de mil exemplares.

Orientação gráfica
do Departamento de Edições da INCM

Capa: maqueta de Augusto Gomes
para a peça *O Dia Seguinte*.

Acabou de imprimir-se em
Maio de mil novecentos e noventa e nove.

ED. 130 000 1043
CÓD. 205 165 000
ISBN 972-27-0950-X

Depósito legal n.º 135 779/99

*Para a Mariana,
porque não há limites nem fronteiras
para o amor*

Com exceção das cinco primeiras, as peças que aqui se reúnem foram escritas num tempo em que «os nossos dois caminhos se encontraram e transformaram num caminho único». E, tal como a minha vida desde então, sem ti elas não seriam o que são. Não foi só a tua presença ao meu lado, a partilha das horas exaltantes e das horas difíceis, não foi só o teu apoio, os teus conselhos, as tuas sugestões. Estas peças nasceram contigo, discuti-as contigo, escrevi-as contigo. Há nela palavras, réplicas, cenas inteiras, que são mais tuas do que minhas. Pertencem-te, com eu te pertenci. Te continuo a pertencer.

Antes daquele dia terrível, que todos os dias se repete no palco da memória, disse-te que iria dedicar este livro à «outra metade de mim», que eras tu. Agora que o caminho comum se interrompeu, és tu ainda, e o teu sorriso que perdura na nossa filha, quem torna possível a sobrevivência da metade que resta. Assim também vemos brilhar a luz das estrelas mesmo depois de se terem apagado.